



A escrita e a presença

Por Pedro Cesarino

A desconfiança dos povos indígenas com relação à escrita alfabética, muito bem demonstrada por Davi Kopenawa em *A queda do céu*, tem raízes profundas. Capaz de atrofiar a memória e o conhecimento, a escrita dos não indígenas sempre foi utilizada como uma arma no processo de invasão e extermínio das populações autóctones. Não por acaso, as narrativas dos Desana diziam que os brancos já surgiram trazendo uma arma e uma Bíblia em suas mãos. Veículo por excelência de certa concepção particular do teatro, aquela inventada pelos gregos e transformada pelas civilizações europeias, a escrita passa, entretanto, a ser apropriada pelos povos indígenas para se transformar em estratégia de resistência. Sabemos que tal uso ocorre ao menos desde o século XVII pelos Potiguara, marcando presença de maneira mais ou menos regular ao longo dos séculos. No presente, a conjugação das políticas de cotas com a afirmação das lutas de identidade tem feito com que as mídias dos brancos (cinema, artes visuais, teatro, literatura) sejam incorporadas de maneira cada vez mais sistemática por pessoas indígenas. Elas se valem de tais instrumentos para fazer circular suas próprias formas de imaginação, para reivindicar direitos e denunciar discriminações.



É o caso do espetáculo Pohutiné – Únicos, escrito por Naine Terena, no qual dois atores Terena rememoram em cena episódios de discriminação cometidos contra “índios” em agências bancárias e redes sociais. Mal sabiam os discriminadores, entretanto, que estavam falando com os netos dos chefes das quatro direções, o norte, o sul, o leste e o oeste. Mal sabiam que as comunidades desses mesmos netos forneceriam os alimentos de suas roças para garantir a segurança alimentar no começo da pandemia. De fato, como dizia Visconde de Taunay no texto que abre o espetáculo, os Terena aceitavam com dificuldade as ideias dos brancos “graças ao espírito mais firme de liberdade” que possuíam. Se Taunay tivesse se aliado a tal espírito, ao invés de considerá-lo como um empecilho ao suposto desenvolvimento, teria com ele aprendido que bancos não valem a força da terra.

As pessoas indígenas, entretanto, não partem do nada ao mobilizarem para si aquilo que antes foi (e ainda hoje é) empregado para destruí-los. Ao se valerem da escrita e suas formas expressivas, não emulam de maneira melancólica os paradigmas do colonizador, como costuma acontecer com artistas e intelectuais não indígenas habitantes das periferias do império. Embora profundamente abalados pela violência genocida, os povos indígenas têm perfeita consciência do lastro temporal que lhes dá a sustentação para reinventar as estratégias do invasor. Kunhã Gwyrarendju, uma das colaboradoras do projeto Ma'é Yyramõi – Mar à Vista, realizado por João Nyn e Carol Piñeiro em parceria com comunidades Nhandewa, lembra que a língua não é elemento isolado, mas parte do nhande reko, “nosso modo de vida”. Como estar junto: este é um dos problemas fundamentais das reflexões propiciadas pela língua, seja em forma escrita, seja na pura presença da



palavra. A ética da palavra e da vida entre parentes antecede os seus efeitos estéticos, ou então não há como separar as duas dimensões.

Zahy Guajajara, em seu belo depoimento para o último podcast do TePI, explica que as pessoas responsáveis por nomear (e reivindicar para si) determinada prática cênica como “teatro” deveriam aprender com os povos indígenas – das Américas e de outras tantas partes do planeta – como se faz para contar uma história. Ocorre que os eventos rituais indígenas são sempre modos de presentificação. Empregam para isto complexas técnicas discursivas e estéticas, é certo, mas que não foram inventadas para lidar com o problema da representação que funda o teatro de origem ocidental. Uma história narrada é um acontecimento em si, pois traduz, incorpora e mostra para a audiência as posições temporais do começo dos tempos – a energia transformadora de Makunaimã, dizia o encantado Jaider Esbell. O encontro dessa potência com as crises da mimesis e seus artifícios não apenas produz justiça – revela também constelações ainda desconhecidas dos palcos das cidades.

